

“FOI SEM QUERER”: A TRAJETÓRIA PIANÍSTICA DE JOÃO LEAL BRITO

VINICIUS CARVALHO VELEDA¹; JONAS MOREIRA VARGAS²

¹*Universidade Federal de Pelotas – veledavinicius@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – jonasmvargas@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O seguinte resumo visa estudar a trajetória artística do pianista e maestro – João Adelino Leal Brito, mais conhecido como “Britinho”, 1935-1966. O pianista nasceu em Pelotas em 1917 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 1966. Ele começou os estudos musicais aos 10 anos de idade, dedicando-se primeiramente ao violino. Em 1935, já com 18 anos, passou a interessar-se pelo piano. Tocando este instrumento, passou a fazer parte das rádios Cultura e Pelotense, ambas sediadas em Pelotas. Entre 1936 e 1938 foi contratado pela rádio Farroupilha de Porto Alegre. Transferiu-se para o sudeste em 1939, contratado primeiramente pelo Cassino Porchat, em Santos; neste mesmo período, atuou também em rádios e boates da capital paulista. Contudo, a maior parte da carreira de João Brito concentrou-se na cidade do Rio de Janeiro entre 1941-1966. Ao chegar na então Capital Federal foi contratado para integrar a orquestra de dança liderada por Napoleão Tavares. Alguns tempo depois, atuou esporadicamente entre as rádios Tupi e Tamoio, até ser contratado efetivamente pela rádio Globo; nesta rádio, liderou um programa semanal com o também pianista Fat's Elpídio. No início dos anos de 1950 foi contratado pelas boates Perroquet e Vogue. Entre 1952-1954 liderou a orquestra da boate Casablanca. Britinho também se dedicou a carreira fonográfica, lançando quantidade expressiva de discos.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho é um resumo da pesquisa de mestrado (2016-2018) intitulada: “A vida é um samba: a trajetória do pianista João Leal Brito – “Britinho” (1917-1966)”, realizada para o Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Pelotas.

Para estudar a trajetória de Britinho, utilizaremos como fontes: os discos lançados pelo músico entre 1951-1966; as matérias oriundas da imprensa periódica entre as cidades de Pelotas, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro; e ainda as fotografias, anúncios de boates e anúncios de rádio.

Os referenciais teóricos utilizados na pesquisa são aqueles relacionados com o estudo de trajetórias e biografias históricas, entre esses autores estão: Pierre Bourdieu (2006), Giovanni Levi (2000 e 2006), François Dosse (2009) e Benito Schmidt (2004). Há ainda aqueles trabalhos que dialogam a História com os estudos musicais e autores como Arnaldo Contier (1991) e Marcos Napolitano (2005). Por fim, utilizamos aqueles trabalhos que estudam uma trajetória ou biografia onde o personagem principal estudado é um músico – cantor ou instrumentista, são obras como as de Alcir Lenharo (1995), Márcia Oliveira (1995), Maria Izilda Matos (2005) e Sérgio Estephan (2011).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro capítulo destina-se em estudar a trajetória do pianista, maestro e arranjador João Adelino Leal Brito, mais conhecido como “Britinho” - a partir de Pelotas/ RS, a sua terra natal em 1917 até a cidade de São Paulo em 1941.

Britinho nasceu em 05 de maio de 1917 e faleceu em setembro de 1966. Foi o segundo filho dos também pelotenses João Adelino Campos de Brito e dona Francisca “Chica” Leal. Neste período a família residiu na rua Santos Dumont, número 200, casa de esquina com a rua General Neto, na região central de Pelotas¹.

João Leal dera os primeiros passos musicais ainda criança em 1927, aos 10 anos de idade, estudando inicialmente violino. De acordo com Isabel Nogueira, seu pai, João Campos de Brito, foi professor particular de piano e professor do mesmo instrumento na Sociedade Musical União Democrata de Pelotas – entre finais dos anos de 1910 e início dos 1930 (NOGUEIRA, 2003). É possível ainda que Britinho teve tios músicos, ou ainda que Britinho vem de uma família de músicos. Seu irmão mais velho Rubens Leal Brito também se profissionalizou no piano. Ao que indica, Britinho e Rubens começaram as aulas de música por influência do pai na “União Democrata” no final dos anos de 1920 até início dos anos 1930 – tocando principalmente em saraus. Logo, os “irmãos Brito” passaram a apresentar-se juntos em sua terra natal. Mas não demorou para a dupla separar-se. Rubens foi contratado para apresentações em 1936 na Rádio Gaúcha de Porto Alegre; seguindo ainda, posteriormente, carreira nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro – onde atuou na rádio Mayrink Veiga.

João Leal Brito começou a carreira artística aos 18 anos, ainda em Pelotas, atuando na Rádio Cultura em 1935 - neste mesmo período atuou também na Rádio Pelotense. Ainda em 1935 deixou o violino e passou a dedicar-se exclusivamente ao piano. No ano seguinte, em 1936, por influência de seu irmão Rubens, foi contratado pela Rádio Farroupilha de Porto Alegre para substituir o então famoso pianista Paulo Coelho. Atuou na rádio por três anos até ser contratado pela boate Tabu na cidade de São Paulo entre 1939-1941 – neste mesmo período atuou em rádios paulistas. Em 1939 foi pianista, na cidade de Santos, no Cassino da Ilha Porchat, como instrumentista na Orquestra de Mário Silva. Em 1941 Britinho foi para o Rio, mas ainda se divide em idas e vindas desta cidade com São Paulo. Entre 1941 e 1944 apresentou-se nas boates paulistas: Arpège, Oásis e Esplanada. Em 1951 atuou por outra temporada nas boates Esplanada e Arpège. Neste mesmo ano mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro onde residiu até sua morte em 1966.

Por sua vez, o segundo capítulo, dedica-se em investigar a participação de Britinho nas boates da Zona Sul do Rio de Janeiro. Em um primeiro momento mostraremos como surgiram as primeiras boates em Copacabana. No ano de 1946 o então presidente Eurico Gaspar Dutra decretou o fechamento dos cassinos em todo território nacional; estes estabelecimentos empregavam grande parte dos cantores (as), músicos, figurinistas, bailarinos (as), entre muitos outros envolvidos. No Rio, os cassinos como o da Urca, Copacabana Palace e Atlântico, entre outros, sofreram um grande golpe. Levou algum tempo para o pessoal que dependia deles se recuperarem. Em 1938, ainda na fase áurea do jogo, nas dependências do Copacabana Palace à beira mar, existiu o “Golden Room”. Foi neste local que

¹ Britinho teve ainda mais três irmãos após segundo casamento de dona Francisca: Oscar Leal Velleda, Ondina “Dadá” Leal Velleda e Fernando Leal Velleda.

surgiu o termo francês “boîte de nuit”, para designar um local pequeno, intimista e escuro – aonde podia-se ouvir música romântica, dançar, beber (uísque) e paquerar ao som de um piano com uma pequena orquestra. Já em 1947 abriram inúmeras boates em Copacabana, a maioria delas concentrada na região do Leme, entre: “Monte Carlo”, “Vogue”, do austríaco Barão Von Stuckart, “Chez Aimeé”, “Tasca”, entre outras. Os frequentadores dessas boates eram chamados de “café-society”, entre artistas, músicos, boêmios, compositores, jornalistas, mas também políticos, proprietários de grandes empresas, industriais, comerciantes ricos e senhoras da “alta roda” carioca. As boates empregaram muitos daqueles músicos dos cassinos e ainda possibilitou um alargamento da demanda dos mesmos.

Britinho tocou nas seguintes boates do Rio: “Perroquet”, “Vogue”, “Casablanca”, “Boite 3B” e “Bidou”. Mas sua carreira foi mais marcante no “Casablanca” que foi comandado a partir de 1952 por Carlos Machado, conhecido como “El rey de la noche”. O pianista Britinho foi o responsável pela contratação os músicos do conjunto, além de ser o orquestrador dos espetáculos, também chamados de teatro da madrugada. Participou dos seguintes espetáculos nesta boate: “Como é diferente o amor em Portugal”, 1952; “Feitiço da Vila” e “Acontece que sou baiano” (este com Dorival Caymmi) ambos em 1953; “Esta vida é um carnaval”, “Madame Satã”, “Quo Vadis” e “Este Rio Moleque em 1954. Carlos Machado foi importante para o desenvolvimento do teatro de revista. Os espetáculos eram padrão Broadway e integravam música, dança no contexto literário.

Por fim, o terceiro, destina-se em investigar a autuação de Britinho nas rádios cariocas – Rádio Tupi, Rádio Tamoio e Rádio Globo, entre outras.

Em um segundo momento ocupa-se da canção e do mercado fonográfico na discografia de Britinho – 1951-1965. Em nosso levantamento sobre sua obra possuímos 120 discos listados e divididos nas seguintes categorias: 66 discos de carreira, 41 discos em participações e 13 discos como integrante de grupos.

A proposta desta parte do capítulo é procurar entender a produção musical de Britinho dentro de um contexto mais amplo. Foi um período eclético dentro da música popular brasileira onde gravou-se sobretudo sambas, músicas para o carnaval, choros e baiões, e, em meados dos anos de 1950, o samba-canção praticamente dominou o mercado do disco. Mas havia também gêneros estrangeiros como o bolero, o tango e as guarâncias, o foxtrote. Foi um período onde estes gêneros sofreram um hibridismo e agruparam-se em diversos segmentos, mas sempre com o intuito de fazer uma música dançante. Como era organizado mercado fonográfico brasileiro? O que um músico ou artista precisava para entrar neste mercado?

Devido ao número limitado de páginas do capítulo trabalharemos nesta pesquisa com as músicas de autoria de Britinho. Dentro dos 66 discos de carreira, possuímos um total de 77 músicas de sua autoria ou em parcerias: 26 músicas de sua autoria; 29 em parceria com Fernando César; 4 em parceria com o pianista Fat's Elpídio e 18 em parceria com diversos compositores. A quais gêneros Britinho dedicou-se? Quais foram suas composições mais conhecidas entre o público? Quais cantores ou músicos gravaram suas músicas?

Por fim procuraremos problematizar o porquê de Britinho utilizar diversos pseudônimos em suas gravações. O que estava aí envolvido? A possibilidade de gravar diversos gêneros? A possibilidade de fazer versões de músicas estrangeiras? Quebra de contrato com as gravadoras? Entre os pseudônimos utilizados por ele nas gravações, estão: Pierre Kolmann, 1957 (Musicdisc); Franca

Villa, 58 (Sinter); Al Brito, 58 (Columbia); Tito Romero, 59 (Polydor); Miriam Presley, 59 (Discos Drink); Al Person, 62 (Sideral); Al Newman, 62 (Som/ Copacabana); Milton-Z e Jone Braith.

3. CONCLUSÕES

Como vimos, João Leal Brito teve intensa carreira artística entre 1935-1966. As carreiras dos músicos e artistas deste período foram delineadas fortemente pela radiofusão, a indústria fonográfica e a crítica especializadas em música, sobretudo aquelas originárias do Rio de Janeiro. A partir do século XX esta cidade tornou-se um dos principais centros artísticos do país, pois ali estavam rádios como Mayrink Veiga, Nacional e Tupi. Além disso, no Rio, estavam sediadas a maior parte das gravadoras e das fábricas e disco. Os músicos e cantores também podiam empregar-se nos cassinos, boates, gafieiras, dancings, bailes promovidos por clubes sociais ou esportivos, entre outras atrações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. (pp. 183- 92).
- CONTIER, Arnaldo D. Música no Brasil: História e Interdisciplinaridade. Algumas interpretações (1926-80). In: **Anais do XVI Simpósio da Associação Nacional dos Professores de História/ ANPUH/ História em Debate: problemas temas e perspectivas**. Rio de Janeiro, 22 a 26 de junho de 1991.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da USP, 2009.
- ESTEPHAN, Sérgio. Aníbal Augusto Sardinha, o Garoto (1915-1955) e a Era do Rádio no Brasil. **Projeto História**, São Paulo, n. 43, pp. 161-83, dez. 2011.
- LENHARO, Alcir. **Cantores do rádio**: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- LEVI, Giovanni. **A Herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. (pp. 167-82).
- MATOS, Maria I. **Dolores Duran**: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- NAPOLITANO, Marcos. **História & Música**: história cultural da música popular. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- NOGUEIRA, Isabel P. **El pianismo en la ciudad de Pelotas (RS, Brasil) de 1918 à 1968**. Pelotas: Editora Universitária, 2003.
- OLIVEIRA, Márcia R. **Lúpicínio Rodrigues**: a cidade, a música, os amigos. 1995. 262 p. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1995.
- SCHMIDT, Benito. **Em busca da terra da promissão**: a história de dois líderes socialistas. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.